

# Cadernos de Arte



**Vol. 2**



# Cadernos de Arte

---

Novembro/2008 **Vol. 2**

Cadernos de Arte da Abrarte/Associação Brasileira de Artistas  
Espíritas. ano 1. n.02. Florianópolis: Abrarte,2008.

ISSN

1.Espiritismo Periódicos. 2.Arte Espírita. 3.Artes

Cadernos de Arte é uma publicação que têm por objetivo proporcionar o debate e a reflexão em torno dos assuntos tratados. Os artigos são de responsabilidade de seus autores e não necessariamente refletem o posicionamento da diretoria da Abrarte.

<b>Apresentação</b>	
Rogério Felisbino da Silva e Glaucio Cardoso.....	5
<b>Cobrança em apresentações artísticas espíritas</b>	
Rogério Felisbino da Silva.....	7
<b>A responsabilidade do artista espírita</b>	
Clayton Prado.....	12
<b>A dança no movimento espírita</b>	
Daniela Luciana Pereira Santos.....	15
<b>A contribuição da arte espírita para a sociedade</b>	
Cláudio Marins.....	19
<b>Falando de voz</b>	
Edmundo Cezar.....	22
<b>Como nascem as coreografias</b>	
Denize de Lucena.....	26
<b>Aplauso no centro espírita</b>	
Clésio Tapety.....	32
<b>Apêndice</b>	
Sobre os autores.....	38

# *Apresentação*

---

O lançamento do primeiro volume dos Cadernos de Arte da Abrarte, por ocasião do 5º Fórum Nacional de Arte Espírita, ocorrido na cidade de Vitória (ES), em maio de 2008, foi coroado de êxito. Rapidamente a edição esgotou-se, atestando-se, assim, a sua aceitação dentro do movimento artístico espírita brasileiro.

Percebe-se, então, que os Cadernos vieram atender a uma expectativa de nosso público, uma vez que a produção literária sobre Arte Espírita é ainda bastante incipiente.

A Abrarte e todos os artistas e grupos espíritas de arte do país serão bastante beneficiados com a continuidade desse projeto, pois ele se propõe a discutir princípios, estabelecer fundamentos, enfim, construir um conceito sobre o qual se sustentará a produção artístico-espírita nacional. E o que é mais importante: a construção desses fundamentos está partindo das experiências práticas de companheiros que, há bastante tempo, estão comprometidos com o trabalho e com a causa de difusão do Espiritismo através da Arte.

Os que já leram o primeiro volume notarão que os artigos deste segundo são bem diversos dos daquele, alguns inclusive indo por caminhos que, aparentemente, discordam de outros. E é esta a proposta dos Cadernos e da própria Abrarte: gerar o crescimento através do debate franco e fraterno, sem apresentar postulados indiscutíveis, desenvolvendo a Arte Espírita com a participação de todos.

Entregamos, a você, amigo leitor, mais um volume dos Cadernos de Arte da Abrarte, na expectativa de que ele possa lhe estimular em sua produção artística.

**Rogério Felisbino da Silva (Presidente da Abrarte)**  
**Glaucio V. Cardoso (Organizador do Caderno)**

# *Cobrança em apresentações artísticas espíritas*

---

Um tema bastante polêmico em nosso meio espírita é a questão da cobrança em apresentações artísticas de natureza espírita. Mesmo admitindo-se que, para que tenham qualidade e beleza, as produções artísticas exigem investimentos, às vezes de grande vulto, ainda encontramos muita resistência quando um grupo ou um artista espírita opta por cobrar ingressos em suas apresentações. Seria ilegal ou antidoutrinária esta cobrança?

Nosso objetivo com este artigo é trazer algumas reflexões sobre esse tema, de forma a contribuir para uma contínua melhoria na qualidade das produções artísticas espíritas.

Observando-se a realidade de nosso movimento artístico espírita brasileiro na atualidade, encontramos duas situações distintas.

Uma delas é a de companheiros que não são artistas profissionais, no sentido próprio de profissão, mas que têm bastante talento e experiência artística, desenvolvendo voluntariamente seus trabalhos com muita competência e profissionalismo, seja individualmente, numa instituição ou num grupo espírita. Nessa situação, esse artista, caracterizado como amador, desenvolve o seu trabalho sem ser remunerado por essa função uma vez que esta pessoa já tem a sua profissão própria e contribui voluntariamente com o movimento espírita.

A outra situação é a do artista profissional que, por ser espírita, acaba inserindo aspectos doutrinários em seu trabalho. Como ele é um artista profissional e vive disso, estará automaticamente sendo remunerado pelo trabalho que apresenta, não obstante o conteúdo espírita de sua obra. Pode acontecer de este artista profissional eventualmente trabalhar para o movimento espírita e, neste caso, o faz de modo voluntário, sem ser remunerado para tal.

Gostaria de me ater mais especificamente à primeira situação apresentada (do artista amador), deixando a segunda (do artista profissional) em aberto para um futuro artigo neste Caderno, inclusive com a contribuição de outros articulistas que se estimularem a escrever sobre o assunto.

Como dito anteriormente, existem muitos companheiros que não são artistas profissionais, mas que desenvolvem trabalhos artísticos no meio espírita, voluntariamente. Apesar disso, mesmo sendo considerados amadores, tais artistas revelam-se muito talentosos e seus trabalhos são dignos de serem chamados profissionais pela beleza, estética, qualidade e primor que possuem.

Normalmente, esses artistas amadores estão vinculados a um centro espírita ou mesmo a grupos artísticos espíritas juridicamente constituídos.

Como essas instituições ou grupos possuem natureza jurídica de associação nos termos do Código Civil brasileiro, os artistas que a eles se integram, na qualidade de associados, ficam impedidos de ser remunerados. Isso porque as associações não devem ter finalidades econômicas ou, se visarem vantagens materiais, estas não devem ser destinadas precipuamente nos seus associados. Ainda que, em conformidade com o que disponha o estatuto da associação, os associados possam, por exemplo, ser remunerados em função de alguma atividade exercida dentro da mesma, um cargo de diretor, ou em razão de fazer parte de alguma categoria com vantagem especial, tal situação não

alcança as instituições espíritas, na medida em que os seus estatutos determinam expressamente que os associados não serão remunerados. Assim, conclui-se que o associado de instituições espíritas, sejam elas centros espíritas ou grupos de arte, não recebem remuneração em função das atividades da mesma, ou do lucro que elas percebem nas suas atividades, em razão da finalidade das referidas associações, as quais estão dispostas nos seus respectivos estatutos.

Porém, se o artista associado não pode receber financeiramente pelo serviço que presta, o Grupo do qual ele participa poderia? O Grupo ou a entidade espírita pode ter lucro? Com muita naturalidade, respondemos: pode, perfeitamente! Essa possibilidade, em nosso entendimento, se dá tanto em nível jurídico como do ponto de vista doutrinário.

Com relação ao aspecto jurídico, o Código Civil Brasileiro (Lei nº 10.406, de 10 de janeiro de 2002), em seu artigo 53, assim se expressa: “Art. 53. Constituem-se as associações pela união de pessoas que se organizem para fins não econômicos.” (2002)

A jurisprudência em torno da definição “fins não econômicos” é pacífica e pode ser resumida no que expressa Nelson Nery Junior e Rosa Maria de Andrade Nery, no Código Civil Comentado, referente ao artigo 53 acima citado:

“A associação não é sociedade e não visa lucro. Constituídas por um número mais avantajado de indivíduos, tendo em vista fins morais, pios, literários, artísticos, em suma, objetivos não-econômicos, as associações se propõem a realizar atividades não destinadas a proporcionar interesse econômico aos associados. As associações podem participar de atividades lucrativas para alcançar objetivos. O que não faz parte da essência da associação é o lucro como finalidade. O eventual lucro arrecadado por essa associação deve ser nela 'reinvestido’”. (2006: 212)

Saindo da esfera jurídica propriamente dita, vamos encontrar no Manual de Orientação do SEBRAE<sup>1</sup> sobre o que é e o que não é permitido às associações:

- A Associação poderá exercer uma ou mais atividades econômicas;
- Não poderá distribuir resultados, devendo ser uma “associação sem fins lucrativos”.

#### ATIVIDADES MERCANTIS

Pode ou não comercializar.

- poderá comercializar, porém limitada ao atingimento de seus objetivos não lucrativos;

#### Receita Federal

- entende que a comercialização de produtos por associações é possível, desde que essa atividade esteja integralmente relacionada com os objetivos sociais da entidade.

#### DESTINAÇÃO DO RESULTADO FINANCEIRO

- Mesmo sem fins lucrativos, podem obter lucro com o desempenho de suas atividades, porém não podem distribuí-lo entre seus sócios, diretores, fundadores e pessoas a eles relacionadas, de forma direta ou indireta, a qualquer título ou pretexto.

- O superávit financeiro apurado seja pela realização de serviços, recebimento de doações, contribuições de sócios, etc., são revertidas, integralmente, para a manutenção e desenvolvimento das atividades da instituição previstas no estatuto social.

Portanto, ante a legislação e a jurisprudência, constatamos que as associações podem ter lucro. Podem, por exemplo, vender produtos artesanais, livros, CD's, DVD's, podem promover bazares beneficentes, podem promover espetáculos artísticos e tudo o mais que reverta em lucro. O que não pode é dividir esse lucro entre seus associados e administradores pois, nesse caso, a entidade deixa de ser uma associação e se caracteriza como uma empresa. Toda a receita decorrente do lucro deve ser revertida à própria entidade, na manutenção de suas atividades.

Falando agora do ponto de vista doutrinário, entendemos também como possível a cobrança de ingressos em apresentações artísticas de natureza espírita. Alguns companheiros levantam a recomendação evangélica do “dar de graça o que de graça recebemos” para defender a total gratuidade das apresentações artísticas. Em nosso entendimento, essa máxima Cristã não impede a cobrança, pelos motivos que expomos a seguir.

Em que contexto Jesus fez aquela recomendação? Vejamos:

“Restitui a saúde aos doentes, ressuscitai os mortos, curai os leprosos, expulsai os demônios. Dai gratuitamente o que gratuitamente haveis recebido.” (Mateus, X, v.8).

Allan Kardec, ao analisar esse trecho evangélico, no capítulo XXVI, item 2, de *O Evangelho segundo o Espiritismo*, diz textualmente:

Ora o que eles haviam recebido gratuitamente era a faculdade de curar os doentes e de expulsar os demônios, isto é, os maus Espíritos. Esse dom Deus lhes dera gratuitamente, para alívio dos que sofrem e como meio de propagação da fé; Jesus, pois, recomendava-lhes que não fizessem dele objeto de comércio, nem de especulação, nem meio de vida. (1990 [1864]:379)

O que de graça recebemos são as faculdades mediúnicas, a possibilidade de ver e conversar com os Espíritos, o magnetismo de cura, dons eminentemente de origem e natureza espiritual. Não nos é lícito cobrar para exercer esses dons, que recebemos gratuitamente. Ninguém deve cobrar para transmitir um passe, fazer um atendimento fraterno, dar assistência direta a um irmão desencarnado, enfim.

Um trabalho artístico que seja produção nossa, e não de origem mediúnica, não se enquadra nesta situação. Alguém poderia afirmar que foi feito sob inspiração de um Espírito. Mas quem garante que um profissional qualquer, no seu labor diário, não recebe inspiração de seu Espírito amigo e protetor? Por causa disso, ele está impedido de cobrar por seu trabalho?

Além do mais, nas situações que estamos abordando (arte produzida por grupos espíritas formado por artistas amadores), o fato de cobrar ingressos, por si só, não significa pagamento de salário ao artista (associado) envolvido. Ele não está vendendo o seu trabalho, pois não está sendo remunerado. A receita dos ingressos da apresentação, o seu lucro, é revertida na manutenção do Grupo, na produção de novos trabalhos, ou até mesmo doada para instituições assistenciais, espíritas ou não.

Uma obra artística tem custos, assim como a produção de um livro também os tem. Se é justo e natural pagar-se para comprar um livro espírita, qual o problema de se pagar para assistir a um espetáculo artístico ou comprar uma obra de arte de temática espírita? Repetimos: estamos falando de obras espíritas produzidas por nosso labor e não por via ostensivamente mediúnica.

O que temos que ter cuidado é saber definir o momento e o ambiente em que se cobra pela apresentação, a fim de que não se dê um aspecto mercantilista a uma atividade de cunho doutrinário. cremos que o ambiente espírita deve ser preservado e destinado exclusivamente a atividades doutrinárias. Não que não se possa fazer uma apresentação artística num centro espírita. Mas, dependendo da situação, pode não ser conveniente cobrar-se neste ambiente. Apresentar uma peça ou um show musical de teor espírita dentro de um centro espírita e num horário de atividade normal da instituição transforma essa apresentação numa atividade doutrinária, ou seja, tem o mesmo objetivo e a mesma característica que uma palestra pública, por exemplo, apenas que com a linguagem própria da arte. Nessa situação, estamos a serviço da Doutrina,



divulgando-a num ambiente que lhe é próprio e que deve ser preservado. Não cabe, em nosso entendimento, a cobrança nesta situação.

Mas, quando a apresentação ocorre em outra circunstância, num lugar neutro, como um teatro, um auditório, estamos, então, em outro contexto! Apesar de se estar divulgando o Espiritismo através da arte, o evento ou a apresentação em si não se caracteriza como uma “atividade espírita” e sim como uma “atividade cultural”, apenas que tem a temática espírita. Nesse caso, a cobrança é perfeitamente aceitável, da mesma forma como o é a cobrança de inscrição para participação em um congresso espírita.

Como vimos, pelos exemplos que demos anteriormente, o que estamos querendo defender é que a cobrança por uma apresentação artística de natureza espírita não é algo que seja condenável. Existem situações em que ela é perfeitamente aceitável. É claro que não vamos fazer da cobrança de ingressos a regra geral. Quando o grupo tiver condições, quando houver patrocinadores, ou até mesmo num gesto solidário, de desprendimento, o grupo poderá fazer apresentações gratuitas, pagando, ele próprio, os custos dessa apresentação.

Em contrapartida, não achamos justo que um grupo deixe de produzir um trabalho artístico em função da ausência de recursos financeiros, pois ele estará impossibilitado de cobrar ingressos para pagar os custos de sua produção.

Afinal, nossa Doutrina não mereceria uma produção artística feita com qualidade, ainda que onerosa, para a sua divulgação?

Rogério Felisbino da Silva  
Rogério@neartes.org.br

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- NERY JUNIOR, Nelson e ANDRADE NERY, Rosa Maria de. Código Civil comentado. 4ª ed. São Paulo: Editora Revista dos Tribunais, 2006.
- O KARDEC, Allan. *O Evangelho Segundo o Espiritismo* (L'Évangile selon l'Épiritisme). Trad. de Guillon Ribeiro. 103ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990 [1864].

# *A responsabilidade do artista espírita*

---

Estamos assistindo, neste momento, ao surgimento de muitos grupos e artistas em geral no meio espírita, tal como o alvorecer de uma nova era que se inicia para a arte espírita.

Concordamos com o médium Divaldo Pereira Franco quando diz que o século passado foi o da tecnologia e que o século que se iniciaria a partir do ano 2001 seria o século das artes e da espiritualidade.

Muito felizes somos por estarmos num tempo no qual cada vez mais pessoas abrem as mentes e os corações para as artes em geral, e pelo tanto que podemos fazer para envolvê-las neste 'universo' que é o da estética e da beleza, um dos atributos de Deus, concedendo a nós uma fração das suas virtudes para que possamos apreender e sentir a presença Dele em nós.

Mas diante de tantas possibilidades de realizações e tanta carência das pessoas em geral que buscam a arte como parte de suas realizações, na mesma medida daqueles que buscam o aprimoramento moral e intelectual, é imperioso não deixarmos de falar da responsabilidade do artista espírita no que diz respeito a sua postura ética e moral, social e técnica.

Do ponto de vista moral, que em filosofia significa conjunto de regras a serem seguidas, temos que considerar o artista espírita como aquele que procura seguir o código moral deixado pelo Cristo que é o Evangelho, unido ao que Allan Kardec classifica como sendo o verdadeiro espírita, aquele que se esforça na luta contra as suas más inclinações. O mestre de Lion tira-nos a responsabilidade de sermos seres superiores ou perfeitos e nos deixa o simples conselho de sermos imperfeitos, mas cumpridores fiéis ao dever moral.

A Ética, um dos principais ramos da Filosofia, é a investigadora do bom e do certo. É ela quem questiona se uma coisa é boa ou má, certa ou errada, etc. Enfim, podemos dizer, para efeito didático, que a ética é o questionamento da moral. Sendo assim o artista será ético quando ele observa e questiona o que é melhor para si, como padrão de conduta, e moral quando ele se enquadra naqueles padrões de conduta suficientes para que tenha um julgamento cada vez mais sadio, daquilo que sua inteligência concebe como beleza.

O mundo hoje está cheio de artistas frustrados e deprimidos, transmitindo os raios de suas inspirações sempre permeadas de concepções pessimistas a respeito do mundo. O artista espírita deve se alegrar por conhecer a realidade que descortina paulatinamente a sua frente e transmiti-la em forma de beleza e esperança aos que se encontram oprimidos e tristonhos com suas provações e dificuldades psicológicas.

Do ponto de vista social, aquele que se vale do seu estro e/ou da sua interpretação sente intuitivamente a necessidade de levar a todas as pessoas o objeto de suas ocupações, sem contar que este sentir é um chamado da consciência para não guardar para si o que foi feito para ser compartilhado com todos sem distinção. Dentro do aspecto social, o ato da doação da renda financeira das atividades artísticas para instituições filantrópicas ou mesmo artísticas me parece uma questão saudável e natural, pois vivemos numa sociedade da qual pertencemos e ter uma função ativa no

crescimento dela é profundamente prazeroso e gratificante dentro do nosso sentimento de utilidade.

Por fim a técnica se nos apresenta como uma necessidade, mas o domínio completo dela não nos parece o fim para o qual deveríamos encaminhar os nossos esforços; assim observamos a técnica do ponto de vista de sua utilidade ao bom desenvolvimento daquilo que nos propomos a fazer. A pessoa que ama aquilo que faz busca com abnegação o seu aprimoramento a fim de transmitir com a maior perfeição possível a sua arte, mas a técnica está a serviço do artista e não o contrário.

Outro aspecto importante, sem a pretensão de encerrar o assunto sobre a postura do artista, é a finalidade, ou seja, qual é o objetivo do grupo ou de quem esteja disposto a iniciar um trabalho artístico. Muitas pessoas há no espiritismo, totalmente despreocupadas em ter qualquer tipo de finalidade com relação aos efeitos do seu trabalho, alegando serem livres e sem rótulos; ora, usar conceitos espíritas e levantar a bandeira de um movimento não pode limitar ninguém! Somos livres e a nossa maior liberdade está em nosso pensamento.

Embora estejamos ainda formando as bases estruturais da Arte Espírita, é preciso desde já trabalhar pelo aprimoramento dela; levar com força de convicção um projeto bem intencionado para que os bons espíritos, responsáveis pela evolução do planeta, encontrem em nós instrumentos capazes de transmitir aos seres aquilo que o materialismo não foi capaz de inspirar: o anseio de uma vida melhor e mais venturosa!

Dentro de tudo isso podemos dizer que uma boa obra ou apresentação pode divulgar, curar, revelar, ensinar, contagiar e emocionar! Todas as atividades no mundo capazes de influenciar positivamente um ser humano são dignas do amparo da espiritualidade maior; sendo a arte uma ciência elevada no mundo, quem não educa a sua sensibilidade através da auto-reflexão, estará se fechando às sublimes inspirações emanadas dos planos maiores, ou recebendo com imperfeição e imprecisão as concepções avançadas do progresso.

Enfim, beleza, bondade, sabedoria e inteligência são atributos que devemos buscar incessantemente, pois o artista do futuro terá em si a marca inconfundível da estética avançada e laureada de bondade, paz e sabedoria emocional. O artista do futuro não será mais o velho gênio perturbado e constrangido pelas suas deficiências.

Encerramos lembrando a célebre frase do Grande compositor desencarnado Rossini, em comunicação mediúmica anotada por Allan Kardec:

[...] O Espiritismo moralizando os homens, exercerá, pois, uma grande influência sobre a música. Produzirá mais compositores virtuosos, que comunicarão suas virtudes fazendo ouvir as suas composições [...]. Rir-se-á menos, chorar-se-á mais; a hilaridade dará lugar à emoção, a fealdade dará lugar à beleza, e o cômico à grandiosidade.

E mais adiante acrescenta o Maestro:

Oh, sim, o espiritismo terá influência sobre a música! Como isso seria de outro modo? Seu advento mudará a arte, depurando-a. Sua fonte é divina, sua força a conduzirá por toda parte onde haja homens para amar, para se elevar e para compreender. Tornar-se-á o ideal e o objetivo dos artistas. Pintores, escultores, compositores, poetas, pedir-lhe-ão as suas inspirações, e ele as fornecerá, porque é rico, é inesgotável...

Bom, diante destas palavras só nos resta colocar a mão na massa e avançarmos dentro da fé e do trabalho que nos conduzirá a planos cada vez melhores.

Clayton Prado  
clayton.cesar.prado@telefonica.com.br

***REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS***

- KARDEC, Allan. Obras Póstumas (OEuvres Posthumes). Trad. De Salvador Gentile, revisão de Elias Barbosa. 7ª Ed. Araras-SP: IDE, 1999, Cap.IX, p.182.

# *A dança no movimento espírita*

---

*Sim, certamente o Espiritismo abre á arte um campo novo, imenso e ainda inexplorado; e quando o artista reproduzir o mundo espírita com convicção, haurirá nessa fonte as mais sublimes inspirações, e o seu nome viverá nos séculos futuros, porque às preocupações materiais e efêmeras da vida presente, substituirá o estudo da vida futura e eterna da alma.*

Allan Kardec

Há tempos temos observado que grande parte dos centros espíritas conta com um ou mais grupos de música, seja ele coral ou um grupo/banda de música. São muitos os grupos que lançam CD's e fazem apresentações para público espírita e não espírita. Além disso, existem vários festivais, onde se estuda e se aprimora tecnicamente o trabalho vocal e tudo o que envolve a produção artística nessa área.

O mesmo acontece na área da dramaturgia. Não podemos afirmar que toda casa espírita conta com um grupo de teatro, mas existe uma grande quantidade de grupos e festivais/encontros relativos a essa modalidade artística.

Já a dança, é muito menos comum. Suas aparições se limitam a apresentações de fim de ano, nas quais um grupo se organiza e monta uma coreografia, geralmente turmas da evangelização infantil; às vezes aparece dentro de uma peça teatral onde há uma rápida performance ou numa apresentação de um grupo musical, onde algumas pessoas desenvolvem movimentos referentes à letra da música, ou nem isto, apenas movimentam-se seguindo o ritmo.

Como dissemos anteriormente, menos comuns que os grupos teatrais e musicais, existem grupos espíritas de dança que trabalham especificamente esta linguagem artística, fazendo uso de técnicas e desenvolvendo um trabalho sério, mas em relação às demais linguagens artísticas seu número é muito reduzido.

Buscando motivos para entender, para contextualizar, tentaremos listar alguns itens que podem explicar o porquê:

**Preconceito** - essa palavra é um tanto quanto forte, mas buscando a ajuda de um dicionário vemos que “*preconceito é um conceito antecipado; opinião formada sem reflexão, superstição, prejuízo*”. Acreditamos que essa palavra cabe aqui em nossa discussão. A dança, diferente de outras linguagens, sofre com o preconceito. Geralmente, quando se fala em dança, a maioria das pessoas a liga a sensualidade, a sexualidade, a imagens estereotipadas passadas pela mídia. Segundo Paulina Ossona “a dança, que muitos historiadores apontaram como a mais antiga das artes, é paradoxalmente em sua forma culta a de mais recente aparição entre nós” (1984). Somado a isso, temos o pouco acesso que a maioria das pessoas tem a espetáculos de dança, contribuindo para que seja criado um preconceito, já que o modelo mais próximo é o passado pelos veículos de comunicação ou referente à própria cultura regional em que o sujeito está inserido. Essa questão é muito interessante, porque estudando a dança em outras correntes religiosas verificamos o mesmo conflito, a mesma dificuldade nesta linguagem artística.

Outro fator está relacionado com a **sua própria especificidade**. A música e a dramaturgia têm a palavra a seu favor, o que facilita o entendimento da mensagem que se queira transmitir. Já na dança, é preciso criar um movimento sem o uso da palavra, o que nem sempre é tão fácil. A coreografia é criada sem um roteiro pronto, que se encontra numa obra, mas num roteiro que se constrói da interação do estudo da doutrina

com a criação de movimentos relacionados com a mensagem que se queira transmitir ou fazer sentir. Daí encontrarmos muitas pessoas com formação técnica na dança nos fazendo a clássica pergunta: Espiritismo na dança, como fazer?

**A ausência de pessoas com formação técnica na área e que tenha conhecimento da doutrina** às vezes representa um empecilho, principalmente para os grupos que estão começando, pois apesar de terem um respaldo técnico de um profissional da área, a montagem da coreografia se toma encargo do grupo, já que exige estudo e conhecimento da doutrina espírita.

O objetivo de listarmos esses itens, não foi de qualquer forma o de fazermos um levantamento das dificuldades encontradas, mas de tentarmos entender porque a dança ainda aparece tímida no movimento de arte espírita enquanto as demais modalidades aparecem de forma mais expressiva.

O panorama da dança no movimento de arte espírita vem se ampliando. Muitos grupos têm sido criados e os já existentes buscam aprimoramento técnico e doutrinário. O objetivo maior é a união dos grupos para que se ajudem mutuamente compartilhando experiências, produzindo materiais, organizando mostras, enfim, crescendo juntos.

### **Novos horizontes**

*Usa a criatividade e a beleza da Arte para modelar o protótipo ideal do "homem novo" que será aquele que hoje se apresenta à tua frente como Espírito sedento de educação com amor.*

*Autor desconhecido*

Segundo Dalal Achcar (1980), a dança em sua forma elementar é uma necessidade natural e instintiva do homem exaurir, pela movimentação, um estado emocional. É a arte do movimento e da expressão, onde a estética e a musicalidade prevalecem.

A dança, como as demais formas de arte acompanham o homem no seu processo evolutivo, evoluindo com ele.

Como há evolução nos seres, há evolução nas artes. Têm-se os primitivos nas artes da mesma forma que nas ações e nas virtudes, porém a centelha sempre brilha nas condições nas quais pode manifestar-se para afirmar a grandeza de Deus. (Denis, 1922, p.77)

Isto se torna claro se voltarmos nosso olhar ao homem primitivo e suas manifestações ainda desordenadas e instintivas e caminharmos com ele e sua dança pelo Egito, Assíria, Pérsia, Índia, China, Grécia, Roma e Europa Ocidental, prosseguindo pela Idade Média, Renascença até nossos dias.

A prática da dança permite ao homem enriquecer tanto qualidades físicas, como psíquicas e espirituais. No que diz respeito às primeiras podemos citar a beleza corporal, a visão, a precisão, a coordenação, a flexibilidade, a tenacidade, a imaginação, a expressão, o trabalho em grupo, a cooperação, entre tantos outros benefícios. Mas é no campo espiritual que entendemos toda a sua extensão:

Assim como a música trabalha com os movimentos interiores da alma, a dança exterioriza os movimentos do seu mundo interior. Dançando, o homem transcende o ser físico, adentrando na harmonia com o ser espiritual que há em si mesmo e exterioriza esse ser espiritual em vibrações harmônicas nos movimentos de seu corpo. A emoção vibra em seu coração e se exterioriza nos movimentos harmônicos do corpo, que representam os movimentos interiores da alma. O artista abre espaço no próprio espaço para a sua vibração que se expande além do visual e atinge o espectador que pode

captar, não só pelos olhos e pelos ouvidos, mas entrando em sintonia com essa vibração. (Alves, 2000:206)

Daí a importância fundamental da reforma íntima, o grande diferencial que transforma nossa arte e nos transforma. O objetivo primeiro de todo grupo espírita de dança: modificar-se.

Finalizando nosso artigo, acreditamos que muito há a ser estudado e pesquisado acerca da dança no espiritismo, estamos no limiar de um processo, mas o futuro depende do nosso trabalho no hoje.

Sabemos que há um longo caminho pela frente, cheio de pedras e às vezes espinhos, mas as flores e as alegrias nos esperam na medida do nosso esforço por renovarmo-nos. Assim, num equilíbrio perfeito, o que deve nos mover é a busca pela técnica para que o nosso instrumento de expressão se torne cada vez melhor e a busca pela melhoria interior, para que sintonizados com o Alto possamos expressar pela dança nossa essência divina que emana de Deus.

Daniela Luciana Pereira Soares

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- ACHCAR, Dalai. *Balé uma arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Ediouro, 1998.
- ALVES, Walter Oliveira. *Introdução ao Estudo da Pedagogia Espírita: Teoria e Prática*. São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 2000.
- DENIS, Léon. *O Espiritismo na arte*. 2ª ed. Rio de Janeiro: Publicações Lachâtre, 1994.
- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas (Oeuvres posthumes)*. 3ª ed. Araras/São Paulo: Instituto de Difusão Espírita, 1995.
- OSSONA, Paulina. *A Educação pela Dança*. São Paulo: Summus, 1988.
- ROCHA, Ruth. *Minidicionário*. São Paulo: Scipione, 1995.

# *A contribuição da arte espírita para a sociedade*

---

A arte é a máxima possibilidade de expressão do espírito. Podemos aferir o nível de evolução humana, de uma época ou de uma civilização, através da arte, uma vez que esta é o materializar do conjunto de crenças (morais e espirituais) predominantes em uma sociedade. Isto explica, segundo Kardec, a decadência das artes na atualidade.

A decadência das artes, neste século, resultou inevitavelmente da concentração dos pensamentos sobre as coisas materiais, concentração essa que, a seu turno, é o resultado da ausência de toda crença, de toda fé na espiritualidade do ser. (Kardec, 1977:157).

Temos, portanto, nas artes um termômetro do pensamento coletivo humano. Por outro lado o caminho inverso também é possível, ou seja, através das artes criar novos referenciais, novas idéias, realizar uma revelação divina. Emmanuel nos confirma essa possibilidade:

Os artistas, como os chamados sábios do mundo, podem enveredar, igualmente, pelas cristalizações do convencionalismo terrestre, quando nos seus corações não palpitem a chama dos ideais divinos, mas, na maioria das vezes, têm sido grandes missionários das idéias, sob a égide do Senhor, em todos os departamentos da atividade que lhe é própria, como a literatura, a música, a pintura, a plástica. (Emmanuel, 1980:101)

Nós espíritas sabemos que o espiritismo contribui para o progresso da humanidade na medida que destrói o materialismo, uma das chagas da sociedade, e faz o homem compreender que seus verdadeiros interesses residem na sua natureza espiritual, conforme questão 799 de *O Livro dos Espíritos*. Apresentar e fazer compreender esta realidade à sociedade não é um trabalho fácil, e, tão pouco rápido. Muitas almas estão prontas para receber, em sua intimidade, as verdades universais apresentadas pelo espiritismo, mas, infelizmente, estas informações ainda não chegam a todos os que necessitam, estejam eles dentro de nossa cidade, estado ou outro país.

É necessário ter uma visão macro desse processo e tomar consciência que para implementar uma nova cultura (espiritual), na civilização, esta necessita ser trabalhada nas várias frentes da organização social e expressão humana, tais como: educação, religião, família, governo, mídias e artes. Neste contexto, podemos verificar a grande contribuição da arte espírita para a sociedade. Através dela é possível apresentar as novas verdades, já reveladas aos homens, pelos prepostos de Deus. Estas verdades encontram-se sintetizadas nos princípios da Doutrina Espírita: Deus, Jesus (e sua mensagem), espírito, perispírito, evolução, livre arbítrio, causa e efeito, reencarnação, pluralidade dos mundos habitados, imortalidade da alma, vida futura, plano espiritual, mediunidade, influência dos espíritos na nossa vida, ação dos espíritos na natureza. Todos estes temas são inesgotáveis fontes de inspiração e pesquisa para o artista espírita e, logicamente, fontes de esperança e consolação para uma humanidade carente de valores superiores.



O artista embeleza o caminho da inteligência acordando o coração para as mensagens edificantes que o mundo encerra em seu conteúdo de espiritualidade (Emmanuel, 2000:132)

O desafio da arte espírita, dentro do contexto social, será fazer da realidade atual o ponto de partida, e não o contrário, ponto de chegada. Explico melhor. Temos a tendência de “adequar” as belezas divinas e as verdades universais para dentro de clichês artísticos já conhecidos. Isso se dá devido a tradição cultural, repetindo velhas fórmulas ou técnicas, na pintura, na música, no teatro, na dança, etc. Com isso, acabamos engessando *o novo* dentro de uma arte *do passado*. Deveremos construir uma arte *do presente* para *o futuro*, quebrando “as algemas do passado”. Ao invés de criarmos um *rock* espírita, dançarmos um *RAP* espírita, encenarmos um *drama* espírita, que tal conduzir o expectador ao “êxtase supradimensional” através de um novo estilo musical, ao “vôo interior da alma” através de uma nova dança, ao “replanejamento de vida” através de uma nova forma de interpretar e interagir com o público no teatro, ao “encontro consigo mesmo” através do simbólico de uma nova pintura? Tudo isso para possibilitar a mais perfeita expressão do belo, do são, do bom, do bem, do amor, da caridade, do perdão, da humildade, da simplicidade, etc, através das artes.

Quando nos possibilitamos este olhar fica mais fácil entender a expressão: “As artes não sairão do torpor em que jazem, senão por meio de uma reação no sentido das idéias espiritualistas.” (Kardec,1977:157)

A arte espírita é, para a sociedade, educadora: esclarece, ensina, distrai (distração sã), consola e ilumina. A arte espírita é descida dos planos superiores para nos conduzir até Deus. Ela deverá ser sempre instrumento de ascensão espiritual para a sociedade!

Cláudio Marins  
claudioespirita@gmail.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:**

- KARDEC, Allan. *Obras Póstumas* (Euvres Posthumes). Tradução de Guillon Ribeiro. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1977.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos* (LE LIVRE DES ESPRITS). Tradução de Evandro Noleto Bezerra. Brasília: FEB, 2007.
- XAVIER, Francisco Cândido (Médium) e EMMANUEL (Espírito). Fonte Viva. 24ª ed. Brasília: FEB, 2000.
- XAVIER, Francisco Cândido (Médium) e EMMANUEL (Espírito). *O consolador*. 8ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1980.
- UBALDI, Pietro. *A Grande Síntese: Síntese e Solução dos Problemas da Ciência e do Espírito*. Tradução de Mário Corboli. 10ª ed. São Paulo: Lake, 1976.
- KANDINSKY, Wassily. *Do espiritual na arte e na pintura em particular (DU SPIRITUAL DANS L'ART)*. Tradução de Álvaro Cabral e Antonio de Pádua Danesi. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

# *Falando da voz*

---

“Nossa primeira apresentação no centro foi um fiasco só. O salão não é muito grande mas, mesmo assim, só quem estava nas duas primeiras fileiras conseguiu escutar os atores, as outras oitenta pessoas assistiram nossa apresentação como se fosse teatro mudo.

No sábado passado o problema foi inverso. Como o Teatro do Centro de Cultura é muito grande eu pedi que os atores falassem bem alto, como se tivesse uma velhinha surda na última da plateia. Conclusão: Após o espetáculo o elenco todo estava rouco.

Eu estou pensando em fazer um plano de saúde para o elenco, só com otorrinolaringologista. Não sei mais o que fazer.”

Essa conversa informal que tive com um amigo seria divertida se não fosse trágica.

Com certeza o problema que ele enfrenta não é exclusividade sua. Sempre esbarramos com a dificuldade de projetar a voz para que todos da plateia consigam ouvir com clareza as falas dos personagens.

Vamos avaliar alguns conceitos e definições sobre voz e dicção para que possamos entender o que está acontecendo com o grupo do nosso esforçado “diretor” e que soluções podemos aplicar.

Lembremos que o processo de formação do som tem uma inter-relação com o da respiração. O som da fala se origina quando as cordas vocais, localizadas na laringe, se fecham à passagem do ar, como se fossem dois lábios. Através desse controle e das características das cordas vocais, o som se produz mais grave ou agudo em cada caso.

Ao se produzir na corda vocal, o som se faz vibrar em toda a traqueia e ossos, mais especificamente os próximos da garganta, como crânio, mandíbula, omoplata, costelas... Através dessas vibrações o som se amplia e toma forma.

Façamos um pequeno exercício:

Experimente: feche a boca e produza o som de HUMMM, sem forçar a garganta, em um volume e tom médio, natural para você. Com o toque dos dedos perceba em qual parte do seu corpo o som vibra mais intensamente. Experimente, mais tarde, variar de volume e altura, do grave para o agudo, e perceba a diferença. Se desejar, experimente com outra pessoa, enquanto uma se concentra em fazer o som a outra percebe os resultados.

Um bom começo para o desenvolvimento da expressão vocal é iniciar um processo de percepção, ampliação e domínio da capacidade respiratória.

De forma comum, a respiração que utilizamos quotidianamente, não nos serve para o teatro.

“Respire profundamente!!”

É comum para o iniciante, dado esse estímulo, encher o peito de ar, levantando os ombros, ou seja, realizando a respiração clavicular. A respiração clavicular é a mais inadequada para nós atores. Como os pulmões são mais estreitos na parte superior, a respiração clavicular diminui a parte inferior e eleva a superior, por conseguinte a capacidade de ar dos pulmões é menor nesse tipo de respiração. Essa respiração também tensiona a musculatura do pescoço, o que vai lhe trazer muito desconforto.

A respiração abdominal, ou costal diafragmática, é mais usada pelos atores, pois permite uma maior quantidade de ar nos pulmões. De forma externa, a respiração abdominal caracteriza-se pela ampliação do abdome e pouquíssima elevação do tórax.

A mais adequada é a respiração intercostal, pois a ampliação da capacidade respiratória é maior.

A respiração costal diafragmática é a forma de respiração que regula melhor a fonação; é a única aconselhável, porque proporciona maior provisão de ar com menor esforço, é invisível e silenciosa. Na inspiração, as costelas flutuantes afastam-se, aumentando a cavidade torácica no sentido transversal e oblíquo, dando preponderância ao alargamento da base, de onde parte o aumento proporcional do tórax em todos os seus diâmetros. (NUNES, 1976)

Para o ator é necessário perceber e dominar esses tipos de respirações, pois ele as utilizará de acordo com a necessidade do personagem, pois certas posturas corporais não permitem ou facilitam determinada respiração.

Vale lembrar que o diafragma é um músculo que tem função determinante na respiração, pois de acordo com sua posição os pulmões se abrem para a inspiração ou se fecham para a expiração.

O aumento da capacidade respiratória, vai ajudar em muito a corrigir aquela probleminha de sempre se perder o final das frases quando se diz a fala e a dominar a PROJEÇÃO da voz.

“Sim, mas e a velhinha na última fila?”

Faça um cone de papelão ou cartolina, tipo aqueles que o mestre de cerimônias usava no circo, e fale por ele. O que acontece? O cone funciona como amplificador da voz.

Processo semelhante ocorre com a voz no nosso corpo, onde o cone é a nossa boca em conjunto com os ossos da face, a chamada Caixa de Ressonância.

Observe como os cantores líricos arredondam a boca para cantar, essa forma da boca, possibilita mais amplitude no som (volume) e colocação das notas que, é claro, com muito treinamento e aulas de canto se tomam do domínio deles.

Experimente: faça aquele mesmo som de HUMM com a boca fechada, sem tencionar a garganta, e, lentamente, abra a boca arredondando sua forma. Experimente também, dizer AHHHH com a boca bem fechada e ir aos poucos abrindo, sem aumentar o volume, e perceberá que o som se amplia na boca de forma mais “redonda” e com melhor projeção.

Quem canta seus males espanta, mas quem canta bem consegue dominar melhor sua voz. Por isso, aulas de canto não fazem mal para os atores, antes ajudam a colocar melhor sua voz, ou seja, dominar os tons e a amplitude da voz.

Cuidado, você pode ter algum problema mais sério do que imagina com sua voz e, neste caso, o melhor é procurar um fonoaudiólogo. Caso costume ter rouquidão com frequência, sente dores, perde em amplitude ao falar um pouco mais do que de costume ou problemas semelhantes: procure um médico sem perda de tempo!!

Projetar a voz não é falar alto.

Primeiro um esclarecimento: altura é diferente de intensidade.

As mulheres costumam ter a voz mais aguda do que os homens, ou seja, possuem um tom mais ALTO (agudo) que os homens, que possuem tons mais BAIXOS (graves)

Quando alguém tem uma voz pequenina, ela tem uma amplitude menor ou um volume menor ou uma voz mais FRACA. Uma voz FORTE possui um volume maior ou uma amplitude maior, ou ainda, uma intensidade maior.

Quando você muda a sua televisão, para não acordar os vizinhos, você diminui o volume e não a altura.

ALTURA = Graves e agudos.

VOLUME = Forte e fraco.

Com exercícios de respiração, percepção e articulação, você vai conquistar um melhor aproveitamento de sua voz, fazendo com que ela ressoe melhor e consiga atingir o final da plateia com menor esforço e com nenhuma tensão, ou seja, você melhorará sua Projeção Vocal, evitando assim de ficar rouco devido ao esforço desnecessário ao falar em cena.

Realizar um “aquecimento vocal” pode ajudar em muito a evitar problemas após a apresentação e a melhorar sua voz durante a peça. O aquecimento deve ser gradual e com um tempo mínimo para que possa dar resultados, ou seja, não adianta enrolar a língua dois minutos antes de entrar em cena porque não vai fazer o menor efeito em termos de aquecimento.

Por outro lado, a intensidade do aquecimento deve ser proporcional ao preparo vocal de cada um. Se uma pessoa comum realizar o aquecimento físico que os jogadores de futebol realizam, ela não conseguirá jogar 5 minutos, pois cansou só no aquecimento. Se você não tem o hábito de realizar exercícios de preparação vocal, o aquecimento pode sair pela culatra.

Estabeleça uma disciplina: 20 minutos por dia, duas vezes por semana, ou antes dos ensaios, para realizar seus exercícios vocais ou então desista de obter resultados positivos com sua voz. Se você não consegue obter uma rotina mínima de preparação para atuar, desista de fazer teatro.

O ensinamento de Kardec, “O que caracteriza um estudo sério é a continuidade que se lhe dá” (1995[1857]:31), vale aqui também. Fazer teatro é conviver com nossas limitações e buscar quotidianamente ultrapassá-las.

Edmundo Cezar  
edmundocesar@terra.com.br

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- BLOCH, Pedro. **Melhore sua Voz**. 1ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Ediouro, 1986.
- KARDEC, Allan. *O Livro dos Espíritos* (Le Livre des Esprits). Trad. de Guillon Ribeiro. 76ª ed. Brasília: FEB, 1995 [1857].
- NUNES, Lilia. **Manual de Voz e Dicção**. 2ª. ed. Rio de Janeiro, RJ: Serviço Nacional de Teatro, 1976

# Como nascem as coreografias

---

*(...) o corpo é semeado corruptível, mas ressuscita incorruptível; é semeado desprezível, mas ressuscita glorioso; é semeado na fraqueza, mas ressuscita cheio de força; é semeado corpo animal, mas ressuscita corpo espiritual. Se existe um corpo animal, também existe um corpo espiritual (...).*

*(I Cor: 42-4, 1993)*

Muito bem.

A mobilização para criação de um grupo de dança na casa espírita deu certo e já há um bom número de participantes interessados. Há um espaço grande e arejado, autorizado pelos dirigentes que também permitiram o uso do equipamento de som. Foram definidos dia e horário dos encontros e até foi sugerida uma primeira apresentação (se tudo der certo) na abertura da Semana Espírita da Instituição. Agora, é só pôr mãos à obra...

E aí vem a pergunta crucial: Por onde começar?

O trabalho com a dança exige tempo, responsabilidade e comprometimento, como qualquer outro trabalho, aliás, que se pretende sério e duradouro. Ao escolhermos a linguagem da dança como atividade artística, optamos também pelo seu instrumental: o corpo. Nosso corpo é formado de ossos, músculos, articulações e líquidos. Ele é relativamente maleável, mas necessita de tempo para conseguir responder às exigências de um trabalho mais técnico e virtuoso.

Existe um bom número de técnicas corporais que podem ser utilizadas para o momento anterior à composição coreográfica. Eugênio Barba<sup>1</sup>, teórico do teatro, define este instante de preparação corporal como **pré-expressividade**. É a parte que permanece durante os ensaios e antes das apresentações, que visa preparar o corpo dos atores-bailarinos para uma melhor execução dos movimentos e desempenho de seus papéis. Os profissionais de educação física e atletas, chamam este instante de **aquecimento** que, segundo Djalma Batista:

*(...) é a primeira parte da atividade física e tem como objetivo preparar o indivíduo tanto fisiologicamente como psicologicamente para a atividade física. A realização do aquecimento visa obter o estado ideal psíquico e físico, prevenir lesões e criar alterações no organismo para suportar um treinamento, uma competição ou um lazer, onde o mais importante é o aumento da temperatura corporal. (2003)*

O aquecimento deve ser proporcional ao grau de exigência que será solicitado ao corpo, a depender do tipo de atividade física que se pretende fazer.

Cumprida esta etapa, o grupo está pronto para dançar. Mais uma vez, podemos recorrer à grande variedade de caminhos. É importante que se conheçam alguns e que se decida pelo que melhor se ajusta ao grupo e aos objetivos do trabalho.

**Improvisação coreográfica** – Apesar de ser possível dançar no silêncio, geralmente acompanhamos uma melodia, um som que seja. Assim, preparar nosso corpo, física e mentalmente, para executar bem os movimentos, é atividade imprescindível nos encontros do grupo.

Há muitas propostas de improvisação. Improvisar significa executar algo sem prévia preparação. Em dança, improvisar é coreografar e executar a coreografia simultaneamente. É um excelente exercício de avaliação e autoavaliação, pois ao improvisar, acionamos em nossa memória cerebral e corporal, movimentos, gestos e desenhos corporais que estão registrados em nós, muitas vezes inconscientemente, e preparamos nossa mente e nosso corpo para responder aos estímulos musicais.

- Iniciar um momento de escuta da música. De olhos fechados, deixe a imaginação livre para visualizar imagens, cores, movimentos que lhe auxiliarão na execução da improvisação. Observe os sentimentos que a música desperta, seu ritmo, timbres melódicos e tudo o mais que lhe chamar a atenção.

- Coloque novamente a música e deixe seu corpo te guiar. Permita-se!

**Composição coreográfica e ensaios** Embora improvisar seja importante e nos traga grande satisfação, geralmente dançamos peças coreografadas, ou seja, executamos movimentos pré-determinados e ensaiados para serem precisos.

Podemos começar a coreografar de várias maneiras. Uma das possibilidades é partirmos de uma palavra. Sim, uma simples palavra como **despertar**, este será nosso mote, nosso tema; buscaremos então uma música que se harmonize com esta ideia, buscaremos sinônimos e imagens que gostaríamos de passar com esta ideia.

Por exemplo, podemos estudar na passagem da Estrada de Damasco, o **despertar** de Paulo de Tarso (Emmanuel, 1994, pp. 196-200), e o capítulo XVII de *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, “Sede Perfeitos” (Kardec, 2003, pp. 271-85). Queremos falar do despertar para as verdades do espírito, então trazemos sentimentos como alegria, reconhecimento, gratidão, etc. Podemos pedir ao grupo que pesquise tudo o que tiver alguma relação com o tema, por exemplo, poemas, textos, imagens, cores, enfim, tudo que possa alimentar a nossa criatividade. Escolhemos uma música instrumental, que nos dará maiores possibilidades de criação. Peguemos por exemplo, a música “Marc e Bella” de Moacyr Camargo<sup>2</sup> (Instrumental).

Quando coreografamos uma música instrumental não temos palavras que nos guiem, mas os elementos presentes na música nos trazem muitas informações que não podemos ignorar: há um ritmo, um naipe de instrumentos com suas timbragens específicas, há momentos que se repetem e outros que variam; ouvir, ouvir e ouvir a música muitas e muitas vezes o primeiro exercício a ser feito. Perceber sua pulsação, que imagens ela sugere, quais os sentimentos que desperta...

É importante que todo o grupo participe deste instante, pois assim a coreografia terá a riqueza da percepção de todos; cada um de nós capta as vibrações ao nosso redor de acordo com o nosso grau de adiantamento espiritual e os resultados das experiências vividas. Somos corpo físico, perispírito e espírito, que governa nossas ações. Somos luz, somos energia, emanamos energias, trocamos energias.

“Para definirmos, de alguma sorte, o corpo espiritual, é preciso considerar, antes de tudo, que ele não é do corpo físico, porque, na realidade, é o corpo físico que o reflete, tanto quanto ele próprio, o corpo espiritual, retrata em si o corpo mental que lhe preside a formação.” (Xavier, 1987:25)

Cada um de nós terá sentimentos, percepções e imagens diferentes ao ouvir uma mesma música e é bom lembrar que o nosso público também.

E, se escolhermos trabalhar com uma música que tenha letra? Todo o processo de estudo e coreografia descrito anteriormente pode ser mantido; a grande diferença é que palavras são imagens, nosso cérebro tem armazenadas imagens ligadas às palavras que ouvimos e aprendemos ao longo de nossas vidas, ele funciona por associação, logo,

ao ouvirmos uma palavra, ele nos traz imagens, pessoas, acontecimentos, sentimentos, situações e tudo o mais que esteja associado àquela palavra.

Algumas palavras são do inconsciente coletivo e estão impressas em quase todo mundo de maneira mais ou menos parecida, mas ainda assim há grande possibilidade de variações. Então, quando escolhemos uma música cantada para coreografar, criamos uma dificuldade maior, pois o público já não estará apenas sentindo e percebendo, mas acionará um pensar, devido às palavras. E se for uma música conhecida, aí arranjamos um problemão.

Bem, nada impede, contudo, que coreografemos uma música com letra. Vamos usar a mesma canção de Moacyr Camargo<sup>3</sup>.

Voar num sonho azul, voar, voar  
Nos raios da lua azul, voarmos  
Estrelas brilham em nós, brilhamos  
Em suas mãos flores brilhantes  
Nossos corpos reluzem  
E em tanta luz, nos olhamos.  
Nos conhecemos longe  
Campos, beijos e flores  
Onde coiremos livres e belos  
O belo azul em nós.  
Crianças, anjos, vozes celestes  
Cantam os sons soltos no universo  
Brincam no azul lindos risos  
Vale amar da Terra ao infinito azul

A entrada de um coro de crianças, a partir do 11º verso da canção, nos trás alegria, possibilitando movimentos que lembrem jogos e brincadeiras infantis. Nos trás um sentimento de liberdade que nos dá vontade de voar... voar no infinito, no infinito azul... Moacyr nos fala de estrelas, flores, luzes, risos e anjos. Nos alimenta a alegria de fazermos parte da Criação Divina e a possibilidade real da evolução. Salienta o amor como alavanca desta evolução e a presença divina ao nosso redor.

Do ponto de vista coreográfico, podemos dizer que a letra de Moacyr nos remete a movimentos amplos, contínuos, com vigor e alegria, provavelmente haverá desenhos circulares ocupando espaço e adereços leves como lenços, fitas ou grandes leques poderão riscar desenhos no espaço, ampliando o corpo dos bailarinos. Saltos, carregas<sup>4</sup>, movimentos que usem o nível alto, com intenção para cima e para longe, também são pedidos pela letra e melodia desta música. Pode ser um *pas de deux*<sup>5</sup>, ou uma coreografia para corpo de baile, dificilmente será um solo, pois a música cresce ao longo de sua execução, parece preencher cada vez mais os espaços, sua vibração é contagiante.

Este é um exemplo de como coreografar coletivamente, mesmo não possuindo muitos conhecimentos técnicos. Se houver alguém que tenha algum conhecimento de dança e que deseje conduzir a criação coreográfica poderá utilizar alguns recursos simples como os que indicamos a seguir.

**Células coreográficas** cria-se uma sequência pequena de movimentos que será a célula coreográfica. Como na biologia, esta dará origem a varias outras. Na prática, essa sequência criada é repetida com variações que podem ser de direção, de ritmo, de nível, de velocidade, de amplitude. Essas variações permitirão desenhos diferentes e criativos que darão à coreografia o colorido necessário.

**Seguindo a contagem** esta é uma técnica que exigirá algum conhecimento de iniciação musical. Primeiro faz-se uma decomposição da música, parte a parte, dividindo-a na sua estrutura de composição (pulsção, ritmo, compasso, estrofes, refrões, tema, etc.). A seguir, monta-se a coreografia sobre esta divisão, seguindo seu desenho sonoro. Normalmente se montam as sequências de oito em oito tempos, mas isto dependerá da música escolhida. A contagem é muito útil também no instante de transmitir os passos aos bailarinos, auxiliando a manter o sincronismo.

Em qualquer método de criação coreográfica, busque explorar os elementos básicos da dança:

- Níveis (alto, médio e baixo);
- Direção (laterais, trás, frente, diagonais);
- Ritmo (pulsção, compasso, variação, contratempo, pontuação);
- Movimento (contínuo, quebrado, brusco, vigoroso, suave);
- Gestos (estilização, ampliação, variação);
- Percursos (desenhos feitos pela trajetória do movimento ou do corpo do bailarino).

Um outro momento muito importante é o da pós-criação. Depois de pronta a coreografia, faz-se necessário fazer o que chamamos de **limpeza dos movimentos**, para corrigir os detalhes e fazer com que todos executem o mesmo movimento, no mesmo tempo, da mesma maneira e pelo mesmo percurso. Esse é um momento um pouco cansativo, mas imprescindível para garantir a plasticidade e o sincronismo necessários.

E aí vai um conselho: é preferível que todos os bailarinos levantem as pernas a 45° com as pontas dos pés esticados, a cada um levantar em uma altura diferente, sem definição do movimento. Dedique o tempo que for necessário para este trabalho.

Mesmo quando o corpo de baile não estiver executando simultaneamente o mesmo movimento, ter os passos bem definidos, de onde partem, onde terminam, por onde passam, com precisão dentro da contagem da música, tomará mais bela a coreografia.

Outra dica: brincar com subgrupos dentro da coreografia agrega valor e beleza à mesma. Em uma coreografia com quatro bailarinos, por exemplo, ora está um sozinho e os três juntos executam outra sequência; daí a pouco se subdividem em duplas; mais um pouco, a música cresce e estão todos juntos, sincronizados nos mesmos movimentos, e finalizam executando movimentos individuais.

Uma coreografia onde todos fazem o mesmo movimento o tempo todo, torna-se visualmente cansativa. Uma simples mudança de direção pode dar o toque especial: um executa a sequência de frente enquanto dois fazem a mesma sequência em diagonal para o público e o último executa os movimentos ora de frente ora de costas para a plateia. Em determinado momento, estão novamente todos juntos, sincronizados.

Uma variação de tempo também pode dar esse 'toque diferente na coreografia. Dois começam a sequência, os outros dois só iniciam oito tempos depois dos primeiros. De repente, um dos primeiros para e espera os outros dois para seguir com estes. E assim por diante.

Explore ritmo, direção e movimento fazendo a coreografia ficar bela e interessante. Não tenha limites, solte a criatividade!

Já temos uma coreografia (ou mais de uma). Agora podemos pensar na apresentação que é, talvez, a melhor parte de todo este processo. Vou deixar isto com vocês, sei que podem dar conta.

É um trabalho árduo este de dançar, não é? Mas é também muito prazeroso e engrandecedor. E quando se está entre amigos, fazendo o que se gosta, não há peso nem obrigação. Então, é só seguir e esperar o dia de dividir todo este trabalho com uma



plateia que, esperamos, possa captar tudo o que aprendemos e somar ao nosso trabalho em uma troca fraternal de energias.

E, por favor, não esqueça de me convidar para a estreia. Adorarei estar lá para aplaudir.

Denize de Lucena  
denizedelucena@terra.com.br

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- “Primeira Epístola de Paulo Apóstolo aos Coríntios”. in Bíblia Sagrada. Ed. Pastoral Bolso. São Paulo- SP: Paulus, 1993.
- BATISTA, Djalma. “A importância do aquecimento na atividade física”. *Revista virtual EFArtigos*. Natal/RN. Vol. 01, n°. 06 jul. 2003. Online: disponível em: <http://efartigos.atspace.org/otemas/artigo8.html>. Arquivo consultado em 12 de julho de 2008.
- KARDEC, Allan. *O Evangelho segundo o espiritismo* (L’Evangile selon lê Spiritisme). Trad. de Guillén Ribeiro. 121ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 2003.
- XAVIER, Francisco Cândido; VIEIRA, Waldo (Médiuns) e André Luiz (Espírito). *Evolução em Dois Mundos*. 10ª. ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987.

1 - Diretor teatral, fundador e teórico da Antropologia Teatral, fundador e diretor do Odin Teatret, na Noruega. Suas ideias estão registradas nos seus livros *Terra de cinzas e diamantes*. SP: Perspectiva, 2006; *Além das Ilhas Flutuantes*. SP: Hucitec, 1991; *Arte Secreta do Ator*. SP: Hucitec, 1995 edição com Nicola Savarese e *A Canoa de Papel*. SP: Hucitec, 1994.

2 - Música “Marc e Bella” de Moacyr Camargo, do CD *Marc e Bella num Sonho Azul*. (moacyrcamargo@uol.com.br)

3 - No CD *Marc e Bella* há as duas versões da mesma música, uma instrumental e outra cantada.

4 - Termo usado quando os bailarinos são suspensos por outros.

5 - Do francês, passo de dois: termo usado no ballet clássico para designar coreografia executada por um casal de bailarinos. Peça obrigatória no ballet de repertório.

# *Aplausos no centro espírita*

---

Embora consideremos esse assunto de somenos importância, nos dedicamos a ele devido às inúmeras pessoas que nos questionam sobre o tema.

Começaremos transcrevendo opiniões de Espíritos que sempre consultamos quando queremos buscar uma orientação e uma diretriz para vários assuntos da vida.

A mais rigorosa opinião sobre o assunto é a de Bezerra de Menezes, que escreveu por meio de Chico Xavier há várias décadas:

[...] o Centro Espírita deve se transformar num verdadeiro santuário, de respeito e oração. Não se pode, pois, permitir em seu seio, festas, músicas de fundo não edificante, peças teatrais, aplausos, conversação tumultuada e não construtiva, discussões violentas, homenagens humanas, “comes e bebes”, reuniões sem disciplina, rifas, leilões, comércio, brincadeiras, competições, ataques a outras religiões, enfim, tudo aquilo que não se concebe num hospital, junto a um leito de dor ou num santuário de oração.

André Luiz também já escreveu em *Conduta Espírita* sobre o Templo:

Evitar aplausos e manifestações outras, as quais, apesar de interpretarem atitudes sinceras, por vezes geram desentendimentos e desequilíbrios vários.  
O silêncio favorece a ordem. (1993 [1960]: 50)

Longe de discordarmos de Bezerra de Menezes e de André Luiz (quem somos nós?), mas sempre chamamos atenção para o contexto de tais mensagens, escritas em uma época na qual o Centro Espírita era visto mais na sua faceta de “hospital” e “templo de oração” e ainda não havia desabrochado a visão do Centro Espírita “Escola”.

Se não contextualizássemos as mensagens que lemos, ainda hoje teríamos que admitir que a mediunidade é algo reprovável e contra as leis divinas, uma vez que Moisés proibiu a comunicação com os mortos no Velho Testamento.

Na época em que Bezerra de Menezes e André Luiz escreveram aquelas mensagens, ainda não havia ocorrido a “revolução educativa” no movimento espírita brasileiro. Basta ver que as mensagens acima transcritas sempre se referem ao Centro Espírita como “hospital” e “templo de oração”. Ainda não havia essa ideia forte, como hoje existe, de Centro Espírita “Escola”, faceta que, aliás, se tornou a principal nos dias atuais.

Foi há pouco tempo que o Centro Espírita assumiu, de forma unânime, essas quatro facetas: hospital, templo de oração, escola e lar.

Emmanuel foi quem primeiro nos trouxe essa ideia de escola para o Centro Espírita. Eis a sua visão sobre o Centro Espírita: “Um Centro Espírita é uma escola onde podemos aprender e ensinar, plantar o bem e colher-lhe as graças, aprimorar-nos e aperfeiçoar os outros, na senda eterna”.

Guillon Ribeiro, que foi Diretor da FEB durante 26 anos, também defendia essa ideia: “A Casa Espírita guardará, por certo, a simplicidade do templo de corações, mas não poderá fugir às destinações de educandário de almas.” (Reformador, 1976).

É importante destacar que somente em 1983 foi que surgiu a Campanha Nacional do Estudo Sistematizado da Doutrina Espírita no Brasil, concretizando um sonho do Codificador Allan Kardec, que era educador, de ver um curso regular de Espiritismo, conforme se lê no Projeto 1868, inserido em “Obras Póstumas”, in verbis:

Um curso regular de Espiritismo seria professado com o fim de desenvolver os princípios da Ciência e de difundir o gosto pelos estudos sérios (...) Considero esse curso como de natureza a exercer capital influência sobre o futuro do Espiritismo e sobre suas conseqüências. (1987 [1890]: 342)

Esse projeto de Allan Kardec já existia desde 1868, mas só vimos nascer um programa de estudo sério do Espiritismo de âmbito nacional em 1983, mais de cem anos depois.

Na ocasião do lançamento da Campanha Nacional do Estudo Sistemizado da Doutrina Espírita no Brasil, o próprio Bezerra de Menezes “aplauiu” a ideia (se nos for permitido utilizar aqui essa expressão), manifestando-se na Reunião do Conselho Federativo Nacional da FEB nos seguintes termos:

Um Programa de Estudo Sistemizado da Doutrina Espírita, sem nenhum demérito para todas as nobres tentativas que têm sido feitas ao longo dos anos (...), é o programa da atualidade sob a inspiração do Cristo.

Destacamos a expressão utilizada por Bezerra de Menezes: *programa da atualidade*.

De fato, o ESDE foi extremamente inovador e fez uma verdadeira revolução com relação à forma como era visto o Centro Espírita. De núcleo eminentemente socorrista, passou a ter como enfoque principal a educação, atendendo à visão moderna de que todo doente, na verdade, precisa é de educação (em especial, a educação dos sentimentos).

Bezerra de Menezes reconhece o caráter progressista do Espiritismo ao definir o programa educativo como “atual” e nos diz que esse programa estaria sob a “inspiração do Cristo”.

Fizemos esse apanhado histórico tão somente para dizer que muita coisa muda ao deixarmos de considerar o Centro Espírita meramente como “hospital” e “templo de oração” e passarmos a considerá-lo especialmente como “escola”.

De caráter progressista, a Doutrina Espírita não luta contra a Ciência, mas segue passo a passo com ela. Não seria diferente com relação à Pedagogia. Ao adotar um caráter predominantemente educativo, o movimento espírita foi estudando, adaptando e absorvendo tudo o que há de melhor na história da Pedagogia, coisa que era desprezada até então nos Centros Espíritas.

Teatro, música, dinâmica de grupos e atividades lúdicas passaram a ser coisas amplamente utilizadas e incentivadas nos Centros Espíritas por serem técnicas pedagógicas excelentes.

De fato, não dá pra ser um Centro Espírita “escola”, se nele as melhores técnicas pedagógicas são proibidas. É o mesmo que ir contra a evolução científica-pedagógica. É negar o caráter progressista do Espiritismo.

Com o tempo, pois, o Centro Espírita mais alegre, mais dinâmico. Em vez de filas de obsidiados chorosos aguardando um “tratamento espiritual”, passamos a criar grupos de estudantes cada vez mais alegres e comprometidos com o aprendizado da Doutrina Espírita.

Curioso é que até mesmo os hospitais da Terra passaram a admitir no tratamento dos seus doentes o uso terapêutico do sorriso, através de brincadeiras, músicas, teatrinho, dinâmicas de grupo etc. Por quê? Porque pesquisas mostraram que o ambiente fúnebre dos hospitais deixava os pacientes depressivos e isso piorava o estado de saúde dos mesmos e, ao contrário, um ambiente alegre e otimista repercutia positivamente no estado de saúde deles. O Dr. Patch Adams e os Doutores da Alegria provaram isso. A ciência confirmou. Cabe, então, ao Espiritismo aceitar ou estagnar.

Felizmente, o movimento espírita vem abraçando tais inovações. Hoje, já vemos nos Centros Espíritas muito mais um ambiente de escola do que de hospital. Já encontramos nos Centros Espíritas músicas espíritas em todos os ritmos, peças teatrais, brincadeiras saudáveis dinâmicas de grupo, atividades lúdicas, onde vez ou outra é natural que surjam aplausos, seja para acompanhar músicas ou manifestar alegria e apreço por alguma apresentação.

Repetimos que não estamos de forma alguma indo contra as mensagens iniciais que transcrevemos de Bezerra de Menezes e André Luiz. Fizemos apenas uma contextualização histórica dessas mensagens para mostrar que, atualmente, algumas restrições do passado não se aplicam ao presente diante das inovações pedagógicas ocorridas nos Centros Espíritas.

E concordamos que tais mensagens continuam atuais no sentido de nos alertar que, mesmo com as citadas inovações nas práticas dos Centros Espíritas, devemos sempre manter um clima de equilíbrio e serenidade. Utilizar teatro, música, dinâmicas de grupo e mesmo aplausos, mas sem descambar para a extravagância, o desequilíbrio, a algazarra, a balbúrdia.

Desde que saibamos que não estamos contribuindo para o desequilíbrio do ambiente, nem alimentando o ego, o orgulho e a vaidade de outrem, não há problemas em utilizarmos aplausos, uma vez que se trata de uma manifestação muito comum em atividades pedagógicas que utilizam música, teatro e dinâmicas de grupo.

As palmas, por exemplo, podem ser utilizadas para acompanhamento rítmico de músicas que são cantadas nos Centros Espíritas. Tal situação não tem nada a ver com homenagens ou extravagâncias, mas sim com o desenvolvimento da musicalidade, coordenação motora e integração das pessoas. Não vemos nenhum mal em usar as palmas como no exemplo dado. As palmas, nesse caso, servem apenas como um “instrumento musical”, assim como o pandeiro, a bateria, etc. Não vemos porque evitar tal situação. A música não é algo que deve ser evitado, pelo contrário, a musicalidade deve ser estimulada. Ela eleva o espírito, auxilia na integração e socialização das pessoas e é um excelente recurso pedagógico.

Já o uso de palmas como homenagem/manifestação de apreço a alguém ou a algum trabalho embora seja uma prática muito comum e, muitas vezes, sincera, deve ser algo a ser evitado, se isso vier a desequilibrar o ambiente ou estimular o orgulho e a vaidade de quem as recebe. Nesse caso, concordamos que se evite o uso de palmas, mas chamamos atenção para o fato de que “evitar” é diferente de “proibir”. O Espiritismo nada proíbe, apenas sugere.

Em vez de proibir, devemos orientar e esclarecer as pessoas no momento certo, sem precisar ficar podando as manifestações sinceras de uma ou outra pessoa ou mesmo de plateias inteiras. Bem antipática seria a postura de um dirigente que, antes de alguma palestra ou apresentação artística, ficasse dando ordens para uma plateia sobre como ela deve agir (se deve ou não bater palmas, se deve ou não sorrir quando o palestrante contar algum caso engraçado etc.). Qualquer tipo de constrangimento, proibição, autoritarismo colide de frente com os postulados espíritas, todos de harmonia e entendimento. Quem somos nós para proibir alguma coisa? Se o público deseja aplaudir, quem somos nós para impedir? O momento certo para orientar e esclarecer sobre tal assunto é o momento dos estudos em grupos, onde se poderá estabelecer um diálogo aberto e, inclusive, um debate sobre o tema. Não em um momento inconveniente para isso, justamente no momento da apresentação de um palestrante ou de um trabalho artístico.

E caso se trate de uma plateia leiga, que ainda não teve oportunidade de participar de grupos de estudos doutrinários, é melhor deixá-la livre para decidir se bate

palmas ou não. O preparo moral esperado, nesse caso, deve ser do palestrante ou do artista que está se apresentando, para saber receber as possíveis palmas com sabedoria e equilíbrio, sem que isso afete seu íntimo, sem que isso lhe cause orgulho ou vaidade. Isso é exigível do palestrante ou do artista espírita, mas não da plateia leiga, que deve ser recebida com amor e compreensão, sem posturas castradoras ou proibições.

Portanto, essa é a nossa recomendação sobre aplausos no Centro Espírita: nem estimular, nem proibir. Nem transformar as palmas em ritual e obrigação, como também não proibir as palmas transformando-as em tabu ou heresia.

Uma plateia educada saberá, com certeza, utilizar o bom senso para aplaudir ou não quando achar conveniente. E, se decidir por aplaudir em algum momento, com certeza fará isso com educação e discricção, evitando algazarra e gritarias que denotam desequilíbrio. Tudo isso é conquista natural das plateias que buscam o progresso moral.

Vamos citar um exemplo ocorrido com o próprio André Luiz (sim, aquele que nos recomendou evitar aplausos) e veremos que a questão não é propriamente “aplaudir ou não”, mas sim “saber quando, onde e como aplaudir”. Trata-se de caso narrado pelo Espírito André Luiz no livro *Os Mensageiros*, psicografado por Chico Xavier:

Deliciosa música embalava-nos a alma. Observei, então, que um coro de pequenos musicantes executava harmoniosa peça, ladeando um grande órgão, algo diferente dos que conhecemos na Terra. Oitenta crianças, meninos e meninas, surgiam, ali, num momento vivo, encantador. Cinquenta tangiam instrumentos de corda e trinta conservavam-se, graciosamente, em posição de canto. Executavam, com maravilhosa perfeição, uma linda barcarola que eu nunca ouvira no mundo.

[...]

Abeiramo-nos do órgão, sentando-nos todos em confortáveis poltronas. Quando as crianças terminaram, sob aplausos calorosos, Ismália pediu a Cecília executasse alguma coisa. (1990 [1944]: 164-5)

Esse é um bom exemplo de que, quando feitas com educação, sem idolatria, sem lisonjas e sem balbúrdia, as palmas constituem uma prática saudável e não têm nada de nocivo.

Vê-se, portanto, que a questão das palmas é questão secundária, sendo que o enfoque principal é a educação do Espírito. Saber como lidar com as palmas é coisa que vem naturalmente com essa educação moral.

Uma plateia com ideais elevados pode até bater palmas de maneira discreta e educada, mas nunca terá o mesmo comportamento das históricas plateias que adoram um ídolo.

E o palestrante ou artista que também tem ideais elevados nunca alimentará o seu ego com palmas pois não é isso o que ele busca. As palmas, para ele, não têm a menor importância. Portanto, tanto faz que as plateias para as quais se apresente aplaudam ou não.

Tudo é questão de educação moral.

Bater ou não palmas é decisão da circunstância, pelas pessoas envolvidas. Decisão pessoal ou coletiva que deve ser respeitada, pela opção racional que a Doutrina recomenda.

Ao nosso ver, portanto, não devemos nem estimular, nem proibir os aplausos. Devemos, sim, respeitar o modo de proceder de cada plateia, sabendo que cada uma agirá, em qualquer lugar, invariavelmente, de acordo com o nível de educação das pessoas que a formam. Preocupemo-nos, pois, com a educação dessas pessoas e com a nossa própria educação e isso, com certeza, se refletirá no proceder das plateias.

Podemos e devemos evitar aplausos desnecessários e há um fim útil nisso. Mas nunca devemos nos permitir proibir ninguém de aplaudir. Não estamos aqui para isso.

Preocupemo-nos em trabalhar a educação moral com as pessoas e os aplausos, ainda que apareçam, serão cada vez mais amenos, suaves, singelos, até as pessoas não verem mais a necessidade deles. É questão de tempo, não de proibição.

Trabalhemos a educação moral em todos nós e, com certeza, saberemos agir com sabedoria, equilíbrio e segurança em todas as situações da vida.

Por fim, é interessante observar também que o costume de bater palmas é algo bíblico, sendo que o livro de Salmos frequentemente nos convida a cantar e a bater palmas em louvor a Deus: “Batei palmas, todos os povos; aclamai a Deus com voz de triunfo” (Salmos 47:1).

Clésio Tapety  
clesiotapety@hotmail.com

#### **REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS**

- KARDEC, Allan. *Obras póstumas* (Oeuvres posthumes). Trad. De Guillon Ribeiro. 22ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1987 [1890].
- VIEIRA, Waldo (Médium) & LUIZ, André (Espírito). *Conduta Espírita*. 16ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1993 [1960].
- XAVIER, Francisco Cândido (Médium) & LUIZ, André (Espírito). *Os Mensageiros*. 23ª ed. Rio de Janeiro: FEB, 1990 [1944].

# Apêndice

---

## Sobre os Autores

**Claudio Miranda Marins** (Belo Horizonte-MG) Estudioso do Espiritismo desde 1990. Músico e compositor (violão, guitarra e contrabaixo), teve sua primeira banda musical aos 13 anos de idade. Dos 15 aos 18 anos de idade estudou música com Wilson Lopes (guitarrista do músico Milton Nascimento). Primeiro lugar no Festival da Canção "Leon Renault", em Belo Horizonte, com a música "Canção Criança". Diretor do Departamento de Comunicação Social Espírita da União Espírita Mineira, colabora com o Departamento de Infância e Juventude, da UEM, desde 1992, e com o Departamento do Estudo Minucioso do Evangelho (DEME), também da UEM, desde 1995. Formado em Engenharia Eletrônica pela PUC-MG com especialização em desenvolvimento de projetos nos segmentos de Áudio, Vídeo e Automação. No campo das terapias holísticas é formado em Cinesiologia Aplicada (TFH) e Three in One Concepts. Atualmente faz pós-graduação em Psicopedagogia. É associado à Abrarte.

**Clayton Prado** (Americana-SP) Estudioso do Espiritismo desde 2002, diretor do Departamento de Artes da U.S.E. de Americana-SP, intermunicipal Americana e Nova Odessa, membro da união de músicos e cantores de Americana: Mensageiros da Harmonia; Cantor, músico e compositor; atualmente atua como Professor de música, sendo atuante em projetos culturais de Americana e trabalhos relacionados à música espírita. É associado à Abrarte.

**Clésio Tapety** (Teresina-PI) Músico autodidata, toca diversos instrumentos: guitarra, violão, baixo, teclado e gaita. Sua primeira experiência musical foi tocando numa banda de rock de Teresina/PI, chamada Capitão Guapo, da qual participou durante cinco anos (1996-2000). Desenhista autodidata, lançou o livro "Estudando o Espiritismo com a Turma do Dequinho" (2004). Dequinho é um personagem de quadrinhos criado em 1999, com o objetivo de divulgar o Espiritismo através de desenhos. É associado e fundador da Abrarte.

**Daniela Luciana Pereira Soares** (Belo Horizonte-MG) Graduada em Pedagogia pela Universidade Estadual Paulista (Unesp). Professora de educação infantil, educação especial e ensino fundamental. Professora de música, expressão corporal e dança. Foi coordenadora e coreógrafa do "Grupo Espírita de Dança Evolução", de Araras-SP, de 1996 a 2004, grupo que chegou a contar com mais de 100 integrantes entre crianças, jovens, adultos e idosos. Co-fundadora do Grupo Espírita de Dança "Reforma Íntima" em Vitória-ES. Idealizadora da I Mostra Espírita de Dança "Oficina do Espírito" (2001). Atualmente faz parte do Grupo Espírita de Dança "Iluminar" em Ribeirão das Neves, na Grande Belo Horizonte.

**Denize de Lucena** (Salvador-BA) Com formação técnica em Artes Visuais pelo CESV e em Dança pela FUNCEB, Licenciada em Artes Cênicas pela UFBA, Pós-Graduada em Supervisão Escolar pela Cândido Mendes RJ, espírita desde 1995, integrante da Comunidade Arte e Paz, de Salvador- BA, e associada à Abrarte.

**Edmundo Cezar** (Salvador-BA) Quando artista amador, participou do Elenco Teatral Amantes da Arte (RJ), mais antigo grupo de teatro amador do Brasil. Em Salvador obteve o registro profissional nas funções de Ator, Diretor e Iluminador, após sua participação em Cursos de Extensão e de Licenciatura em Artes Cênicas da UFBA. Premiado pelo Troféu Bahia Aplauda como Revelação do Ano pela direção do Espetáculo “Morre um Gato na China” (1996). Atualmente coordena artisticamente a Comunidade Arte e Paz, de Salvador e a Coordenadoria de Arte e Cultura da Federação Espírita do Estado da Bahia. É associado e fundador da Abrarte, ocupando atualmente a função de Vice-presidente.

**Rogério F. Silva** (Florianópolis-SC) Jornalista profissional, formado pela Universidade Federal de Santa Catarina e pós-graduado em Administração Pública pela Universidade do Estado de Santa Catarina. Foi fundador e presidente do Núcleo Espírita de Artes, entidade da qual participa até os dias de hoje. Escreveu, dirigiu e atuou em várias peças teatrais espíritas, sendo premiado em 2003 com os troféus de melhor direção e melhor espetáculo (Nova Aurora), e em 2005, com o de melhor espetáculo (O mistério da Mansão Winston), no Festival de Teatro Espírita de Florianópolis. Autor de dois livros publicados: o infantil Circo Alegria e o romance Nova Aurora. Foi diretor de Comunicação Social Espírita da Federação Espírita Catarinense e atualmente preside a Associação Brasileira de Artistas Espíritas (Abrarte).



Após o lançamento exitoso do primeiro volume, que esgotou-se rapidamente, a Associação Brasileira de Artistas Espíritas faz chegar às suas mãos a segunda edição dos “Cadernos de Arte”.

Artistas e grupos espíritas de arte do país, além da própria Abrarte, serão bastante beneficiados com a continuidade desse projeto, pois ele se propõe a discutir princípios, estabelecer fundamentos, enfim, construir um conceito sobre o qual se sustentará a produção artístico-espírita nacional.

*Cobrança em apresentações artísticas espíritas*  
Rogério Felisbino da Silva (Florianópolis-SC)

*A responsabilidade do artista espírita*  
Clayton Prado (Americana-SP)

*A dança no movimento espírita*  
Daniela Luciana Pereira Santos

*A contribuição da arte espírita para a sociedade*  
Cláudio Marins (Belo Horizonte-MG)

*Falando de voz*  
Edmundo Cezar (Salvador-BA)

*Como nascem as coreografias*  
Denize de Lucena (Salvador-BA)

*Aplauso no centro espírita*  
Clésio Tapety (Teresina-PI)

